

REVISTA SUL-AMERICANA

BIBLIOGRAPHIA BRAZILEIRA --- SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

Publicada pelo Centro Bibliographico Vulgarizador

Rio de Janeiro—Assignatura annual para todo o Brazil 5\$000

Para os paizes estrangeiros: gratis ás associações e publicações congeneres. Assignatura por anno 12 francos (união postal). São nossos correspondentes na Europa: em Lisboa, Antonio Maria Pereira; em Paris, Guillard, Aillaud & C.; em Londres, Dulau & C.; na Italia, Fratelli Bocca; na Allemanha, G. Herder,

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao gerente do Centro Bibliographico, rua Gonçalves Dias 41.

SUMMARIO. — I O Dr. Sylvio Romero e a Historia da Litteratura Contemporanea, o polemista, por Araripe Junior. — II Quer queiram quer não, por J. M. Moreira Guimarães. — III Convenção litteraria com Portugal. — IV Poesias, por João Ribeiro. — V. Chronica. — VI João Mandy, por Lucio de Mendonça. — VII Da educação, por Herbert Spencer. — Bibliographia Brasileira. — Imposto na França sobre livros francezes impressos em paiz estrangeiro.

O Dr. Sylvio Romero e a Historia da litteratura brasileira

O POLEMISTA

(vi e n.º 15)

Para que se possa formar ideia de toda a extensão da colera litteraria do Dr. Sylvio Romero durante a primeira phase de sua carreira como critico, contra esse Brasil, que elle, usando da phrase de Paul Louis Courier considerava *le plus valet de tous les peuples*, basta attender-se ao que, entre os desoito e os vinte e cinco annos, pensou, disse e escreveu a respeito de philosophos (*Philosophia no Brasil*), de sabios e naturalistas (*Ethnologia Selvagem*), de criticos e de politicos, no *Trabalho* e outros jornaes provincianos.

Justiça se lhe faça; aquella mesma irritação, tornou-o um dos mais efficazes propagandistas das ideias que hoje vão avas-

salando o paiz. A sua demagogia litteraria era a mais propria para levantar da inercia habitual o espirito brasileiro; e os factos tem-se encarregado de demonstrar que, si somos capazes de progredir e seguir os adiantamentos do espirito nos seus mais audazes vãos, não o conseguimos senão por sobresaltos.

A reflexão nos tropicos é tardia, e o pensamento philosophico só se manifesta depois de agitada a natureza. Ainda ha pouco vimos como se fez a reforma do elemento servil tocada por um grande sopro sentimental, e qual o papel que a vergasta da satyra representou contra o azorrague do fazendeiro durante todo esse periodo de agitação. Mas tambem é muito verdade que, passado o tufão e postos de pé por esse abalo que a muitos pareceu ou inconsequente ou tresloucado, muitas energias que jaziam no esquecimento de si mesmas se levantaram; começou-se, então, a pensar, a reflectir e a combinar; e é sufficiente comparar a imprensa destes dias com a de oito ou dez annos atraz para

vêr-se quanto caminhamos e quanto modificaram-se os nossos hábitos mentaes.

Nem todas as raças se apresentam dotadas de força continua para o trabalho. Como certos individuos, os povos em dadas condições precisam ser irritados e estimulados para proseguirem.

Foi irritando e incomodando os proprietarios ruraes que os abolicionistas talvez abreviaram a queda da condemnada instituição.

A posse mansa e pacifica não existe na natureza; e si a legislação civil consagra-lhe um dos seus mais importantes capitulos, é isto devido a systematisação do egoismo dos que estão a seu gosto contra as pretensões dos que hão de vir.

A expropriação litteraria que era muito necessaria no Brasil, e que o Dr. Sylvio Romero tentou de modo rude, deu lugar ao uso de interdictos possessorios.

Mas não antecipemos.

Saindo do Recife, o illustre critico andou primeiro a circumvallar o Rio de Janeiro.

Esteve exercendo o cargo de juiz municipal em Paraty, e este periodo foi todo de próspera incubação. O critico, que se interessava mais pelos estudos anthropologicos do que pelos seus jurisdicionados, leu e releu o que ponde e juntou os elementos para os tres volumes de *folk lore*, que annunciaram pelas columnas d'*O Combate* a existencia do sergipano, cujo nome muita gente suppunha um simples pseudonimo.

Pode-se calcular o grau da nostalgia que pesava sobre a alma do critico, por esse tempo, diante da perspectiva de uma presa tão longinqua. Superactivar as faculdades e não achar logo um terreno apropriado onde exercel-as, eis um supplicio só comparavel ao de Rogerio no Dante. Essa anciedade não tardou, porem, a encontrar seu termo. Em 1879 o Dr. Sylvio penetrava na grande cidadela e immediatamente o seu nome apparecia ao lado do de Lopes Trovão e outros publicistas, assignando artigos nas columnas do jornal democratico, cujo nome atraz citei.

Estes artigos, que hoje correm em volume com o titulo de *Critica parlamentar*, marcam o começo da segunda phase da vida do polemista, na qual deslocou-se o eixo da sua irritação para não mais

volver-se em torno da inferioridade mental do Brasil como nação, mas para preocupar-se exclusivamente com as pretensões da Côrte ou melhor do sul do imperio.

As vistas do critico voltaram-se, então, sympathicamente para os esforçados companheiros de lutas que elle deixara em Pernambuco.

Não devemos exigir que um individuo exclua em nosso favor as suas afeições mais naturaes. Fosse por que motivos fosse, o autor da *Historia da litteratura brasileira*, achou que no Rio de Janeiro não havia um só homem que podesse competir em estatura intellectual com o Dr. Tobias Barretto.

Como é facil imaginar, esta affirmção poz de sobreaviso os que eram mais de perto ameaçados de expropriação dos titulos de benemerencia litteraria; e estes crearam logo um apodo espirituoso para rebatter a pretensão. Disse-se que o Dr. Sylvio era o coripheu da escola a que deram o nome de TEUTO-SERGIPANA, e não houve despropósito que se não attribuisse ao grupo capitaneado em Pernambuco pela professor germanisante.

Entretanto semelhante contradicta produziu o seu effeito natural. Obrigou o critico recém-chegado a extremar-se cada vez mais nas suas preferencias pelo norte. E quanto a estas preferencias custa-me agora negar-lhe carradas de razão.

Si é verdade que o autor da *Historia da litteratura brasileira* se deixava arrastar por sentimento, a que se podia dar o nome de despeito, não é menos exacto que o contraste, por elle encontrado entre a vida intellectual do sul e a que deixara na provincia, era sufficiente para justificar, até certo ponto, a sua posição de combatente.

A sociedade do Rio de Janeiro estava constituida de modo muitissimo differente. No norte, por exemplo, o Dr. Sylvio nunca vira interesses systematisados: e muito menos uma vida subterranea como a que accusam órgãos da estatura do *Jornal do Commercio*; nem um scepticismo pratico como o do Sr. Lafayette; nem audacias calculadas, como a de tantos oradores e parlamentares que aqui o impressionaram. Ao contrario disso, elle estava acostumado apenas com a indisciplina originada da pobreza daquellas regiões, e com a vida descuidada, clara, transpa-

rente, ao relento, dos sertanejos de Sergipe, onde, na ausencia de machinas e de grandes capitaes, os homens pouco se importando com o futuro, nada receiavam do ambiente social. E tendo ali convivido com o tradicionalismo, ainda que atenuado, das liberdades de 17 e 24; se bem que com a morte de Feitosa se houvesse dissolvido a paixão cultural dos manes de Nunes Machado e os enthusiasmos dos praieiros, sobrava-lhe ainda a figura de J. Mariano, que vinha lembrar-lhe de vez em quando, a possibilidade da renascença dos caudilhos.

Todas as afoitezas que por lá, não obstante a depressão, ião perdurando, de repente tomavam no espirito do critico um volume colossal, e o Dr. Sylvio, olhando para a hierarchia dos sulistas, vio que tudo se entrosava sob o influxo do interesse, e que o interesse era a propria escravidão, tartaruga enorme e mysteriosa, que, como a da mythologia indostanica, sustentava sobre o dorso todos os andares do grande edificio social.

ARARIPE JUNIOR.

Quer queiram, quer não...

III

Não padece duvida nenhuma: nossas idéas, nossos sentimentos, nossas acções, ou—melhor ainda—tudo o que vae pelo mundo está precisamente subordinado á fatalidade das leis naturaes.

Em dous pequenos escriptos mal trabalhados, fizemos sentir esse alguma cousa de irresistivel, fatal e inevitavel, que se nos depara lá no fundo ignorado da textura complicadissima de qualquer manifestação phenomenal. Procurámos mostrar a positividade das leis que são relações que se descobrem e não se criam; frias e inflexiveis, naturaes e modificaveis em sua intensidade, que se nos impoem pelas proprias condições em que se nos revela toda a phenomenalidade. Deixámos isso affirmado em dous singelos artigos, que, graças especialmente á gentileza de coração e de espirito de João Ribeiro,—um

grande caracter sergipano e philologo distinctissimo,—tivemos a honra de publicar nesta revista.

E desse modo, ante a nossa consciencia individual, collocámos-nos em uma luta, aberta e franca, vibrando golpes contra o sobrenaturalismo inutil e avelhentado da doutrina catholica e de todas as outras, essencialmente metaphysicas, que infelizmente ainda se abrigam nos reconcavos da ignorancia humana. Temos levantado a fraqueza extrema da nossa intelligencia de encontro a vitalidade aparentemente organica desses desacreditados e esdruxulos systemas philosophicos, buscando sempre, e em todo momento de feliz oportunidade, o esmagamento completo de umas tantas idéas perniciosas da esterilizante escola fatalista, que prega, ás escancaras, a eliminação da propria personalidade, a ausencia absoluta da autonomia humana.

E estaremos continuamente em o nosso posto, em defeza desses conceitos que nos vão pelo cerebro, espontaneamente, sem o trabalhar fatigante de uma larga abstracção, á simples vista do espectaculo exterior. Todos esses pensamentos, bastante distanciados do calor irradiante de umas doudas imagens litterarias, entram-nos mesmo pelo espirito a despeito de tudo, para que não se torne estranha essa posição, que bem conscientemente assumimos; reconhecendo não obstante a pequenez da nossa estatura intellectual.

Lutaremos pela existencia universalizada do unico dogma possivel, que é o da religião evolucionista; havemos sempre de nos apresentar á campo, batendo-nos pela diffusão dos conhecimentos do conjuncto das leis naturaes, estatico-dynamicas, nas camadas populares; porque dest'arte o ser pensante por excellencia—que é o homem,—em consciencia do que lhe gyra em derredor, não mais poderá se mover ignorantemente, estupidamente; não mais esbarrar-se-á de encontro a providencial e esmagadora fatalidade positiva das acções comico-sociaes, vergando de quando em vez sob o peso, friamente terrivel e doce, dessa fatalidade bem sentida e comprehendida, que se contrapõe a da *providencia divina*, enganadora e metaphysica. Demais, as leis que presidem a evolução dos phenomenos sociaes e cosmologicos sempre existiram, existem e existirão eternamente pelo mundo organico e anorganico, ora—

arrastando-nos, muitas vezes em que peze ao nosso *eu* individual, para bem longedadas nossas mais vivas necessidades, dos nossos proprios interesses, em virtude da noute escura que nos envolve o pensamento, ora approximando-nos da larga extensão ideal de umas douradas illusões que nos acalentam.

Realmente precisamos antes de tudo—como preliminar indispensavel á explanação de qualquer phenomeno—da formação lucida, perfeita, do sentimento das leis naturaes—que regulam as manifestações variadissimas da sociedade e do mundo physico, bastante differentes das pretendidas leis que são verdadeiras regras inconscientemente formuladas, ignorantemente estabelecidas pelos parlamentos de todas as epochas. Carecemos indubitavelmente desse alicerce das construcções humanas: necessitamos sem duvida desse ponto de apoio em que se alevantam, evoluindo sempre, não só nessas idéas senão também nossos sentimentos e por consequente nossas acções collectivas ou individuaes. Precisamos de toda essa luz effectivamente derramada pelo orbe do pensamento, para que não mais se nos appareçam, em politica, os que por ahi fóra se debatem, se agitam, com o rotulo ingenuo de monarchistas, sectarios abstrusos de uns governos por graça de Deus—que é existencia imaginada por uns cerebros inflammados, cheios de ardentes e mysticas inspirações—e somente espiritos emancipados, democratas por sciencia e consciencia, que comprehendem a sociedade como um vasto organismo, complexo, subordinado á leis fataes, inflexiveis, naturaes. Mais ainda: ella também nos é necessaria e bastante para que, no dilatado e vastissimo campo da philosophia, não se nos alevantem ao nosso encontro uns pretensos *systematicos*, adversarios do Evolucionismo, que se organisa a custa de todos os esforços, como uma criação genuinamente popular, como um prolongamento bem acabado do saber inconsciente da humanidade.

E' nos indispensavel tudo isso, para nos convencermos do determinismo hodierno nas acções humanas e em tudo o mais. E' uma necessidade o conhecimento do dogma positivo das leis naturaes.

Rio, em 89.

J. M. MOREIRA GUIMARÃES.

DECRETO N. 10.533—DE 14 DE SETEMBRO DE 1889.

Manda executar o ajuste feito entre o Brazil e Portugal sobre a propriedade das obras litterarias e artisticas.

Hei por bem ordenar que seja executado do 1º do proximo novembro em diante o ajuste constante da declaração firmada nesta Côrte em 9 do corrente mez de setembro, pelo qual os Governos do Brazil e de Portugal concordam em que os autores de obras litterarias escriptas em portuguez, e das artisticas de cada um dos dous paizes, gozem no outro do mesmo direito de propriedade que as leis ahi vigentes ou as que forem promulgadas concedem ou concederem aos autores nacionaes.

José Francisco Diana, do meu Conselho, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros, assim o tenha entendido e faça executar. Palacio do Rio de Janeiro aos 14 dias do mez de setembro de 1889, 68º da Independencia e do Imperio.

Com a rubrica de SUA Magestade o IMPERADOR.

José Francisco Diana.

O Governo de Sua Magestade o Imperador do Brazil e o Governo de Sua Magestade El-Rei de Portugal e dos Algarves, animados do mais vivo desejo de estreitar e consolidar os vinculos de amizade que unem os dous paizes, concordaram em que os autores de obras litterarias, escriptas em portuguez, e das artisticas de cada um delles, gozem no outro, em relação a essas obras, do mesmo direito de propriedade que as leis ahi vigentes ou as que forem promulgadas, concedem ou concederem aos autores nacionaes.

Este accôrdo começará a vigorar desde o primeiro dia do mez de novembro do corrente anno.

Decorridos dous annos desde a data da assignatura, cada um dos dous Governos terá o direito de fazer cessar os effectos do mesmo accôrdo prevenindo o outro com um anno de antecipação.

Em fê do que, os abaixo assignados, devidamente autorizados pelos seus res-

pectivos governos, fizeram lavrar a presente declaração e a firmaram e sellaram,

Feita em duplicata no Rio de Janeiro. aos 9 de setembro de 1889.

(L. S.) José Francisco Diana.

(L. S.) D. G. Nogueira Soares.

MUSEON

(N. 4.)

*Este vaso quem fez, por certo fel-o
Folhas de acantho e parras imitando.
E' de ver-se a aza fosca o setestrello
De saboroso cacho alevantando.*

*Que desejo viria de sorvel-o
Os gomos todos um a um sugando.
Quando, contam, dos passaros o bando
Do céu descia prestos a bebel-o.*

*Examina este vaso. N'um momento
Crê-se vel-o a voar, o movimento
D'aza soltando, como aereo ninho...*

*Será verdade que este vaso vóu
Ou por ventura á mente me atordôu
Seu capitoso odor de antigo vinho?*

Intermezzo

*Vou vê-la nesta hora.
Digam, pois, que sahi aos meus amigos.
O sol é claro; ha muito é vinda a aurora.
Foram co' a noite os horridos perigos.*

*O' meu relógio! o teu ponteiro appressa,
As horas corre dedicado e attento,
Antes que o meu amor cresça, recresça,
E me devôre o derradeiro alento.*

*Os teus ponteiros examino, e anceo
Pelo feliz momento desejado.
Mas um raio te parta pelo meio
Se estás atrazado.*

1886.

MUSEON

(N. 5.)

*Nitrem fogosos os cavallos. . vê-se
Do freio em frocos a cahir a espuma.
Cavalleiros, parae! a noite desce,
Cae o manto extensissimo da bruma.*

*Dentro de pouco pallida apparece
A branca lua. Estrellas uma a uma
Do campo azul por onde a luz reçuma
Formam nos ermos a dourada messe.*

*Então, ide-vos, rapidos, levando
Os rijos corações sob a couraça...
Porem cautos que sois vades lembrando*

*Que resistente á lança, esta carcassa
Subtil e surrateiramente o brando
Amor vezes e vezes a traspassa.*

MUSEON

(N. 6.)

*Telasippa, honra a Theos! á pyra em brasa
Ajunta o fogo e mais prouvera ao Nume
Ardel-o em ti do que no pollen dá aza
Do astro que a chamma celestial consume.*

*Crepita o sacro rhodo dendro, abrása
A oliva em lascas cheias de perfume.
Vivo este fogo, Telasippa! o lume
Vivo, honra a Theos, em sua ingente casa!*

*Ái d'aquella que um dia aos ermos lares
Deixar a chamma virginal desfeita,
Azul, torcida, relambendo os ares,*

*E tremula apagar-se. Ái della! feita
Uma estatua de oinza nos altares
Sujeita ao crime e a todo o mal sujeita!*

ÆRE PERENNIUS

*O meu desejo era habitar contigo
A solidão d'um velho parque em ruínas,
Lá, minha casa branca entre collinas,
Lá, sob a ogiva d'heras, o postigo...*

*A porta aberta e vozes peregrinas
Por ella a dentro a conversar commigo,
E ao pé do rio sob as casuarinas
A tosca pedra, o perennal jazigo.*

*E lá, teu nome—em cespede maldita
A fragmentos gravado, sobre as fontes,
Aqui na leiva, alem sobre os escombros...*

*E sobre as folhas todas sempre escripta
Essa triste palavra equal a montes
E a cordilheiras postas nos meus hombros.*

1887.

Chronica às pressas

LUCIO DE MENDONÇA. *Esboços e Perfis*. Rio, 1889, 8.º.

Chego tarde para dar noticia d'este livro notabilissimo de um dos nossos mais apurados escriptores.

Pouca cousa posso dizer a respeito dos *Esboços e Perfis*, trabalho que considero um bom titulo de gloria do auctor. A critica indigena já se exprimiu em termos cuja lisonja está com certeza ainda abaixo do merito d'esse livro.

Quem não conhece esse talento volubilissimo, variado, aqui, alli, na critica, na poesia, no folhetim, com a sua sonora flexibilidade de garganta de passaro, com o seu perenne sorriso—bonina que a noite do pessimismo fez desbrochar nos labios do homem culto e honestissimo?

Pois saibam que os *Esboços e Perfis* não são documentos bastantes para constituil-o na sua figura intellectual, integral e perfeita. Ha pessoas que só podem tirar o retrato em estatua e nunca no plano unico d'uma tela. Pela multiplicidade de suas culminancias necessitam do relevo, e da figuração em solido, que a perspectiva sonéga á critica e ao conspecto.

Lucio de Mendonça é um dos melhores talentos da mocidade brasileira contemporanea; espirito rigido e forte, polemista estudioso, poeta de valor, humorista principalmente, digno de uma grande civilização, pela delicadeza do seu processo de rir, do seu systema de remosques tão separado da chufa portugueza, mesclada atavisticamente do estado consuetudinario de uma psychologia collaborada pelo unto e pela pinga.

Em Paris, estaria ao lado de Armand Sylvestre, Mendès, entre Maupassant e Grosclaude. Mas é em Maupassant que se acham os melhores traços physiognomicos de Lucio—a profundeza lyrica, a poesia em accção, em todos os tons do espectro intimo, desde a dor violacea e atra do desespero até a rubra alacridade da juventude.

Quem nunca leu a *Boule de Suif* ignora Maupassant. Quem deseje conhecer a seiva lyrica do joven prosador brasileiro, leia o *João Mandy*.

D'esse conto que é uma obra prima, fa-

remos a transcripção, pedida a venia ao seu auctor.

—

O nosso collega João Ribeiro recebeu uma carta honrosa do Dr. von Reinardstøttnet, professor das linguas e litteraturas romanas da Escola Central de Munich—onde o illustre philologo declara que vae escrever na *Literaturblatt* uma noticia circunstanciada dos trabalhos philologicos do nosso confrade.

João Mandy

I

Todo aquelle março foi mez de chuvas abundantes; nem um dia brilhou o sol, e as raras estiadas, de luz pallida e fosca, descobriam, ao pé da casa do barqueiro, poucas braças da estrada coberta de lama, entre os campos esfumados pelo nevoeiro: alguns passos para baixo, era este rasgado pelos galhos altos dos ingázeiros que orlavam o rio; e alli a agua barrenta, volumosa, transbordando para as margens, rolava marulhando.

Já as primeiras sombras do anoitecer vinham aggravando a desconsolada melancolia da tarde, quando das bandas de Pouso Alegre veio chegando, ao passo miudo de uma besta viageira, um individuo bem apessoado, com polainas de borracha sobre as botas, capa impermeavel no chapéu e outra cõr de cinza, que o abafava desde o pescoço até abaixo dos joelhos.

Seguia-o, pouco atraz, um caboclinho, conduzindo adeante do sellote a mala de roupa do patrão.

Ao tropel dos animaes, appareceu á janellinha da extrema esquerda da casa o busto duma bonita mulher morena, cujo cabello negrissimo em moldurava uma testa admiravel, pensativa e tranquillã; mas a grande maravilha daquelle rosto acabadamente mineiro, eram os olhos, amplos, luminosos, idyllicos, tão afogados em ternura que se diriam lampadas mysteriosas accensas por magia divina para alumiar os momentos supremos da paixão.

Parece que o viajante conhecia já todo

o ardente prestigio daquellas joias, pois num relance d'olhos namorados bebeu-lhes a luz ternissima; e, ao calor do aereo beijo, uma onda de rubor delicioso invadiu a doce pallidez da face morena.

Estacando a besta á porta, apenas fechada por uma meia cancellinha de grade, apeou o cavalleiro, confiando ao pagem as rédeas molhadas; e, destaramellando a cancella, penetrou na saleta da casa, de telha vã, e sacudiu no chão de terra batida as botas encharcadas.

Tirava-lh'as o caboclinho, puxando-as com o esforço e o movimento ondulado que tal empresa requer, e já do interior chegava uma negrinha trazendo, na bandeja mais nova da casa, duas chicaras azues, donde se evolava a fumaça cheirosa do bom café coado de fresco.

Sorveu o viajante os goles saborosos, sacou do bolso um charuto e, reclinando-se na cama a que estava sentado, um velho catre a que as taboas do forro haviam sido substituídas por uma rede de correias, entrou a enviar fumaçadas vagarosas para os altos caibros do tecto, donde pendiam as bambinellas do picumã.

Veio luz para a sala, e a toalha de algodão, estendida na meza, annunciou agradavelmente o jantar.

O rapaz, que o era o viajante, com as suas oito leguas por um dia de chuva e estradas homicidas, cochilava beatificamente, quando a mesma portadora do café o chamou para o jantar.

Estava na sobremesa, a classica tigelinha de leite denso e amarellado, com farinha de moinho, como lá chamam ao fubá torrado, e já cabeceava de somno, quando entrou de fóra um robusto homem de calças arregaçadas até os joelhos, mostrando as fortes pernas musculosas, e a camisa desabotoada no pescoço, deixando vêr o peito cabelludo.

Deitou um olhar pouco satisfeito para o hospede, e, sem tirar o chapéu de palha grosseira, foi entrando, sem mais cerimonia do que atirar-lhe de passagem e muito seccamente:

— Deus lhe dê boa noite.

Pouco se incommodou com isto o hospede; reconheçera o barqueiro do porto, o João Mandy, dono da casa e marido da bella mocetona que tão diversamente o acolhêra á chegada.

Depois que o camarada tambem jantou e retirou-se, a negrinha mostrou ao hos-

pede o seu quarto, e já sahia, quando elle, travando-lhe do braço, lhe segredou quasi ao ouvido:

— Diga a sinhá que não falte, de madrugada!

II

Na manhã seguinte, chovia a torrentes; mas o hospede declarou que precisava estar naquelle dia, sem falta, na Campanha; que iria almoçar em S. Gonçalo; que lhe fossem passando os animaes, enquanto tomava café; que já ia.

O barqueiro, a quem fallava, meneou imperceptivelmente a cabeça, e sahiu.

Mal desapareceu este pela porto da frente, entrou furtivamente na sala uma adoravel rapariga morena, a mesma que na vespera chegára á janella; foi na pontinha dos pés até ao banco em que o rapaz estava; inclinou-se-lhe sobre o hombro e beijou-o apaixonadamente na bocca.

— Olha, filho, que o João parece que já vae desconfiando; na volta, não pouses aqui, sim?

— Másinha! disse o hospede, cingindo-a com o braço e estreitando-a a si.—que me importa aquelle bruto! desconfie quanto quizer,... mate-me até, .. tudo, menos eu deixar de adorar-te!...

Mas a rapariga expediu um gritosinho surdo e fugiu como uma corça; á porta da entrada surgira de improviso, quasi sorprendendo-os, a aspera catadura do barqueiro.

O rapaz sentiu um arrepio de medo ao olhar felino com que o homem o fectou, como se fosse saltar sobre elle; mas o outro apenas observou com azedume:

— Está muito comprido o seu café, patrão; já passei os animaes, e tenho mais que fazer: está passando a hora de correr os espinhéis.

E na barca, ao acercar-se da margem opposta, perguntou-lhe com voz estranha:

— E agora quando torna por aqui?

Era um sabbado.

— Na sexta-feira.

— E' sexta-feira da Paixão, notou o barqueiro; máu dia de viagem. Veja se póde deixar para sabbado.

— Não me embaraço com essas coisas, replicou o rapaz, já mais animado por vêr que a canôa abicára e que a sua besta

o esperava a poucos passos, segura pelo pagamento.

Saltou, pagou a passagem e o pouso, tirando o dinheiro de farto rôlo de notas, que tornou a enfiar no bolso.

Ia montar, quando o barqueiro empolgou-lhe vigorosamente o pulso.

— Espere um pouco. patrãozinho! pagou o jantar e o milho, mas esqueceu-se do mais caro.

— O que? perguntou o rapaz, muito pallido, com o pulso a doer-lhe como se o tivesse apertado numa tenaz de ferro.

— A cama! disse o barqueiro, com voz surda e sibilante.

— Sim, gaguejou o outro, eu não duvido pagar,... mas pensei que estava incluída...

— Incluída, hein?!... e a mulher também, não?... uma mulher como aquella?!...

E inconscientemente apertava-lhe com tanta força o punho que o desgraçado cahiu de joelhos.

O caboclinho, com o braço passado ao pescoço da besta, olhava distraído para a estrada adiante, onde a chuva continuava a bater sem trégua.

O moço levantou-se e, tomando uma resolução, disse, mais calmo, ao barqueiro:

— Está bem! largue-me, e diga quanto quer.

— Ah! quanto quero?... pois sim!... um conto de reis, nem menos uma nota, respondeu João Mandy.

Enganou-se o rapaz por um momento; entendeu que o miserável abusava da força e da posição de marido ultrajado para lhe extorquir dinheiro, e a superioridade moral, a que, por assim dizer, o restituía a infâmia do outro, deu-lhe animo para motejar:

— Vá lá; o seu peixe é caro, mas é bom.

E contou-lhe o conto de réis, em cédulas grandes, de duzentos e cem mil réis.

Quando o barqueiro as teve todas na mão, ergueu rapidamente o braço, esfregou-lhe o dinheiro nas faces, uma e muitas vezes, com tal vigor que ensanguentou o papel; depois, amarrotando as notas, meteu-as no bolso ao viajante, e disse-lhe com a pausa de uma tranquilidade medonha:

— Vá, mocinho; eu, em pequeno, matei um diabo que se engraçou com minha mãe, já viúva e sem ninguém mais por si; fiz muito bem no que fiz, e me livreí no jury, mas soffri tanto remorso que jurei a

Nossa Senhora do Soccorro nunca mais matar ninguém. Vá em paz; com o conto de réis, que lhe pedi para ficar mais certo da verdade, faça viagem para muito longe; nunca mais me appareça aqui, ou eu falto ao juramento que dei a Nossa Senhora do Soccorro!

III

Chegou a sexta-feira santa; a chuva, que não cessára um só dia, fizera avolumar-se espantosamente o Sapucahy; nunca o rio, que é pouco sujeito a grandes enchentes, subira tão alto; muitas pontes haviam rodado, e raro era o ponto em que podia dar passagem.

O viajante, escapo das garras do João Mandy, logo que passára o periodo agudo do perigo, entrou a duvidar da seriedade deste.

— Qual! dizia comsigo, quem quer matar não promette, e se não me matou logo, quando estava certo da injuria ainda flagrante, não me quer, dicididamente, despachar. O que poderei agora fazer, é abster-me do seu peixe, que me póde sahir caro, devéras; mas preciso tornar para casa, e sem muita volta não tenho outro caminho senão por aquelle porto. Volto por lá, está acabado.

E voltou Seriam duas horas da tarde quando o caboclinho, seu pagamento, gritou, da margem, que viesse a barca.

João Mandy veio; veio sombrio, saudou o viajante, e perguntou-lhe porque não acreditava nos outros.

— Acredito no que você quizer; mas acredite também que é a ultima vez que lhe dou trabalho; desta foi sem remedio, por que não podia deixar de voltar para casa.

— Voltasse por outro caminho, moço.

Arrependeu-se logo alli o rapaz, só pelo modo funesto como o barqueiro disse aquillo, com voz de grande tristeza, como já lhe pezassem de ir quebrar o juramento: lembrou-lhe, porém que o João Mandy era intimamente religioso, como todo o pescador, e viu nisso a salvação.

— Hoje é sexta-feira da Paixão, dia em que morreu Nosso Senhor Jesus-Christo, pae de todos os homens! Hoje todos somos irmãos, e ninguém deve temer-se de seu irmão!

Parece que, de feito, estas palavras produziram viva impressão no animo do outro.

—Nossa Senhora do Socorro, minha madrinha, me perdôe! murmurou em voz baixa.

Julgou-se seguro o viajante, que o ouviu, entendendo que o caboclo pedia perdão á Virgem de haver, sequer, concebido o crime.

—Vá primeiro o camaradinho com os animaes; o senhor passa por ultimo, ordenou João Mandy.

—Podemos ir todos junctos, observou o moço, calculando que a presença de uma testemunha era uma garantia mais,

—Aqui govêrno eu, retrucou João Mandy. Anda, pequeno, puxa os animaes!

Desembarcados na outra margem, mandou que o camaradinho seguisse para a casa, que elle lá iria ter, com o patrão; e disse-lhe de modo que o outro não pôde deixar de obedecer. Na margem opposta, o misero rapaz, vendo desaparecer o pagem e os animaes, sentiu no coração a punhalada dos presentimentos que não falham.

—Estou perdido, meu Deus do céu!

Pensou em fugir correndo, mas fôra impossível: João Mandy, já de volta e a poucas braças, o alcançaria immediatamente; de botas e esporas com a capa de borracha, por um lamaçal daquelles, era impossível a fuga!

IV

Meia hora passou-se para a angustiada moça, desde que viu voltar o pagem do amante sem que este apparecesse. Esteve anciosa á janella, olhando ávidamente para o lado do rio, donde apenas se ouvia o marulho da agua transbordante; affigiu-se-lhe que tinham decorrido horas e horas! foi, tropega e tremula, abrir o sen oratorio; accedeu um cirio á imagem grande de Nossa Senhora do Socorro, e orou fervorosamente como nunca, com todo o ardor de sua alma arrependida.

Nem soube quanto tempo a li esteve assim, naquella transe cruel; de subito estremeceu intêira, ao ouvir lá fôra a voz demudada do marido dizer para o camarada:

—Vá contar em Pouso Alegre que seu patrão morreu afogado.

Junctou as mãos ao seio, onde o coração

como que lhe cessara de pulsar, enquanto bagas de suor gelado lhe manavam das temporas.

A chuva engrossára e cahia agora uma carga d'agua violentissima, entre fuzis e trovões horriveis.

João Mandy chegou á porta do quarto e, ao vêr a mulher prostrada e arquejante, disse-lhe com uma sombria entonação de blasphemia:

—Não perca a sua reza: com um temporal destes, todos os sanctos do céu estão surdos!

LUCIO DE MENDONÇA.

Da educação

DA EDUCAÇÃO INTELLECTUAL

(Continuação)

com a realidade. Se estes primeiros ensaios são informes, como o quer a lei da evolução, não é isto uma razão para os não ter em conta. Que importa que as fórmulas sejam grotescas? que importa que as côres sejam uma garatuja? A questão não é saber se a creança faz bons desenhos, mas sim se desenvolve as suas faculdades. Em primeiro logar é preciso que ella se torne senhora dos movimentos da mão, que adquira algumas noções grosseiras de parença, e o que ella faz neste sentido é o melhor que convém que faça para attingir o fim, visto que o faz espontaneamente e com prazer. Na primeira infancia não se podem dar noções sérias de desenho. Será prudente reprimir estes esforços de cultura espontanea, ou antes animal-os-hemos, guial-os-hemos como sendo exercicios naturaes do poder de percepção e de manipulação? Se, dando ás creanças gravuras baratas, para que ellas as colorem e cartas de geographia para que marquem a côres as linhas fronteiras, não estimulamos sómente nellas d'um modo agradável a faculdade do colorido, como lhe proporcionamos accessoriamente algum conhecimento das cousas e dos paizes e a aptidão de manejar o pincel com mão firme; e, se fornecendo-lhes objectos que as incitam a imitarem, entretemos

n'ellas o habito instinctivo de fazer reproduções, por mais grosseiras que possam ser, succederá que ao chegar o tempo de lhes dar lições de desenho, encontraremos n'ellas uma facilidade que não teriam alcançado sem isto. Ter se-ha ganho tempo e economisado esforços ao discipulo e ao professor.

Do que acabamos de dizer póde facilmente inferir-se que condemnamos a practicas de fazer desenhar as creanças segundo os modelos, e mais ainda esse methodo de certos professores as obrigarem a começar por linhas rectas, linhas curvas e linhas mixtas. Lastimamos que a sociedade de bellas artes, na sua serie de Manuaes de *Instrucção artistica elementar*, tenha apoiado com a sua auctoridade, uma obra de desenho elementar, a peor que conhecemos. Queremos falar do *Esboço segundo o esboço ou conforme a superficie plana*, pelo esculptor J. Bell (1). Como o auctor explica, no prefacio, propõe-se « fornecer ao alumno um meio simples e por tanto logico de se instruir »; e para este fim começa por um certo numero de definições no genero d'estas: « Uma linha simples, em desenho, é um traço ligeiro que vai d'um a outro ponto.

« As linhas em desenho podem ser divididas em duas classes:

« 1.º A linha recta que vai d'um ponto a outro pelo caminho mais curto: exemplo A. B.

« 2.º A linha curva, que não vai d'um ponto a outro pelo caminho mais curto: exemplo C. D. »

E, neste tom, o professor ensina ao discipulo o que é uma linha horizontal, perpendicular, obliqua, quaes são as diversas especies de angulos e as differentes figuras que constituem os angulos e as linhas. A obra, em resumo, é uma grammatica da forma com exercicios. De modo que o systema que consiste em formular uma rapida analyse dos elementos, no principio de um estudo, systema banido do ensino das linguas, reaparece no ensino do desenho. Começamos pelo definido em vez de começar pelo indefinido: o abstracto precede ainda uma vez o concreto; a concepção scientifica as experiencias empiricas. Não necessitamos repetir que é inver-

ter a ordem natural. Disse-se com muita razão: o habito de encetar a practica de uma lingua pelas definições das partes do discurso e do seu emprego é quasi tão razoavel, como o seria a de preludiar o exercicio de marcha por um curso sobre os ossos, os musculos e os nervos da perna; outro tanto se póde dizer da ideia de preludiar a arte de representar os objectos por uma nomenclatura e definições das linhas, taes como nol as apresenta a analyse. Estes pormenores technicos são ao mesmo tempo fastidiosos e inuteis. Desde o principio que fazem aborrecer o estudo; e não tem outro fim senão ensinar o que a creança está certa de aprender sem pensar em tal pelo uso. Assim como aprende sem auxilio do dicionario o sentido das palavras que se pronunciam deante d'ella, sem esforço e mesmo com prazer aprenderá por meio de observações sobre os objectos, sobre as pinturas e sobre os seus proprios desenhos; os termos technicos, que pretendem ensinar-lh'os em primeiro lugar, serão para ella fastidiosos mysterios.

Se podessemos confiar nos principios geraes de educação que estabelecemos, as lições do professor deveriam acompanhar o progresso dos esforços da creança, que já apresentámos como tão dignos de incitamento. Quando os ensaios voluntarios do alumno lhe tiverem proporcionado alguma firmeza de mão e alguma ideia da proporção, começará vagamente a conceber os corpos como que apresentando as tres dimensões na perspectiva. E quando, depois de muitos ensaios mais ou menos importunos para representarem sobre o papel esta apparencia, se lhe formar no espirito uma ideia do que é preciso fazer para isso, e um desejo de o chegar a fazer, poder-se-ha dar-lhe uma primeira lição de perspectiva empirica, por meio do apparelho que ordinariamente se emprega para explicar scientificamente as leis da perspectiva. Talvez que isto assombre; mas a experiencia ali está bem clara e interessante para toda a creança d'uma intelligencia ordinaria. Uma placa de vidro, collocada por fórma que esteja verticalmente sobre a mesa, se interpõe entre os olhos da creança e um objecto qualquer, um livro por exemplo. Recommenda-se-lhe que não mude o ponto de vista e que marque a tinta sobre o vidro os angulos do objecto. Em seguida diz-se-lhe que una esses pontos por meio de linhas; e depois de o ter feito, verifica

(1) O titulo inglez da obra é «OUTLINE FROM OUTLINE, OR FROM THE FIAT by John Bell, scultors.

que essas linhas seguem os contornos do objecto. Applicando então uma folha de papel atraz do vidro, faz-se-lhe ver que as linhas que ella traçou representam o objecto tal como o viu. Não somente ellas reproduzirão a apparencia, mas comprehendendo que lhe são realmente semelhantes, pois que lhe seguiram os contornos; e pôde por si propria convencer-se, collocando e retirando o papel detraz do vidro tantas vezes quantas queira. O facto a seus olhos é novo e impressionador. Contém a demonstração experimental de que as linhas de certa extensão, collocadas em certas direcções n'uma superficie plana, podem representar linhas d'uma outra extensão e occupando outras posições no espaço. Mudando a posição do objecto collocado atraz da placa de vidro, a creança pôde ser levada a observar como é que certas linhas se encurtam e desaparecem e como outras apparecem e se prolongam. A convergencia das parallelas e todos os factos principaes da perspectiva podem d'esta fórma e por ordem ser-lhe demonstrada pelo professor. E, se o alumno está habituado a proseguir sem auxiliar, sentirá prazer, se o aconselharem a desenhar essas linhas sobre o papel apenas com o auxilio da vista; será para elle um triumpho produzir um desenho, cuja exactidão elle de seguida verificará, comparando-o com o esboço traçado sobre o vidro. E' d'esta fórma que elle adquirirá pouco a pouco, por um methodo simples e agradável, o habito de observar as apparencias lineares dos objectos e a facilidade de as reproduzir sem passar pelo processo intelligivel e mechanico de copiar os desenhos dos outros. Addicionae a esta vantagem que o alumno aprende por este meio, sem dar por isso, a verdadeira theoria da pintura: a saber, que é um delineamento dos objectos taes como se nos apresentam quando são projectados sobre uma superficie plana, interposta entre elles e a nossa vista, e que apenas chega a idade de começar o estudo scientifico da perspectiva, elle conhece já perfeitamente os factos que constituem a sua base organica.

Como exemplo d'uma maneira racional de fazer comprehender ás creanças as primeiras ideias de geometria, nada melhor podemos fazer do que citar a seguinte passagem, extrahida de Wyse:

«Acostumou-se uma creança a servir-se de cubos para aprender a arithmetica;

serva-se tambem d'elles para adquirir os elementos da geometria. Quizera começar pelos solidos, o contrario do que de ordinario se faz. Dispensavam-se assim definições absurdas e más explicações sobre o ponto, a linha, a superficie, que não são mais do que abstracções... Um cubo apresenta muitos dos elementos principaes da geometria: pontos, linhas rectas, linhas parallelas, angulos, parallelogrammos, etc., etc. Este cubo é divisivel por partes. O alumno está já familiarisado com essas divisões na numeração, e agora, passa á comprehensão d'essas partes e das suas relações entre si... Em seguida progride do cubo para a esphera, da qual tira noções elementares sobre o circulo, sobre a curva em geral, etc., etc.

« Quando se familiarisou sufficientemente com os solidos, podem substituir-se pelas superficies planas. A transição tornar-se-ha muito facil. Por exemplo, corte-se o cubo em partes delgadas e exponham-se estas sobre o papel; a creança verá tantos rectangulos planos, quantas secções fez. Outro tanto succede com os demais solidos. A' esphera far-se-ha o mesmo; a creança aprenderá por esta fórma qual é a geração real das superficies, e poderá em seguida facilmente abstrahir-as de todo o solido.

« Logo que adquiriu o alphabeto da geometria e sabe ler esta sciencia, começa a escrevel-a.

« A operação mais simples, e por consequencia, a primeira, é collocar os seus planos sobre uma folha de papel e passar-lhe o lapis sobre os contornos, depois de ter feito isto muitas vezes, afasta-se o plano e recommenda-se á creança que o copie, e assim por diante. »

Quando a creança adquirir, por qualquer methodo analogo ao que aqui propõe Wyse, uma certa somma de conhecimentos geometricos, pôde dar mais um passo, fazendo-lhe adquirir o habito de experimentar a exactidão das figuras feitas á vista: excitando-lhe d'esta fórma o desejo de as fazer exactas e mostrando-lhe a difficuldade. Não soffre duvida que a geometria tenha a sua origem (como demais a palavra indica) nos methodos inventados pelos homens de officios para medirem exactamente as dimensões de um edificio, a superficie de qualquer espaço confinado etc., e só se chegou a reunir as verdades geometricas n'um corpo tendo em vista a sua utilidade

immediata. E' d'esta forma tambem que convém apresental-as ao alumno Fazendo-o talhar bocados de cartão para edificar o seu castello de cartas; desenhar diagrammas ornamentaes que pintará; preocupando-o com diversas cousas que um professor intelligente saberá inventar, póde-se, durante um certo tempo, deixal-o effectuar as suas tentativas elle proprio, como as praticou o constructor primitivo. Por experiencia apprenderá d'este modo qual é a difficuldade de chegar ao fim auxiliado apenas pelos sentidos. Caminhando por esta fórma, logo que tenha desenvolvido o seu poder de percepção, chegará a idade de se servir do compasso, apreciar-lhe-ha a vantagem, mas continuará a ser incommodado pela imperfeição do methodo approximativo. Podem deixal-o neste ponto do seu rumo durante algum tempo. Em primeiro logar por ser muito joven para se elevar mais alto; em seguida, porque é de desejar que experimente ainda mais a necessidade de processos systematicos. Se a aquisição de conhecimentos deve tornar-se constantemente interessante para elle; e se no primeiro periodo da civilisação do individuo, como no primeiro periodo da civilisação da raça, não se appreciou a sciencia senão como auxiliar da arte, é evidentente que a verdadeira preparação para o estudo da geometria é um longo exercicio nestas artes de construcção, que a geometria tornará mais facil. Notae que ainda aqui a natureza nos indica o caminho. As creanças revelam um gosto pronunciado por edificar, por cortar objectos de papel, gosto que, se for animado e dirigido, não só prepara o caminho para as concepções scientificas, como desenvolve essa dextreza de mão que tantas vezes falla.

Quando as faculdades de observação e de invenção tiverem adquirido n'ella a força necessaria, poder-se-ha iniciar o alumno na geometria empirica, isto é na geometria que dá soluções methodicas, mas que não as demonstra. Como todas as restantes transições, em educação, esta deve ser feita fortuita e não formalmente; e a relação da geometria com a arte de edificar deve continuar a utilizar-se. Ensinar a fazer ao alumno com cartão um tetraedro, semelhante aquelle cujo modelo lhe mostram, é interessal-o a resolver um problema que servirá convenientemente de ponto de partida. Em primeiro logar elle vê que para con-

seguir esse fim deve traçar quatro triangulos equilateros dispostos em certas posições. Como o não póde fazer com exactidão, na ausencia d'um methodo exacto, ao dispôr os triangulos nas suas posições respectivas, vê que os seus lados não se ajustam e que os angulos não se encontram no vertice. Póde se-lhe então fazer ver, descrevendo dois circulos, como é que esses triangulos podem ser traçados d'um modo seguro e correcto; e depois do seu precedente revez, sentir-se-ha satisfeito com esta descoberta. Depois de ter por esta fórma secundado a solução do seu primeiro problema, afim de lhe mostrar a natureza dos methodos geometricos, é preciso, de seguida, deixal-o resolver elle só, como melhor poder, as questões que se lhe apresentarem. Dividir uma linha em duas partes eguaes, levantar uma perpendicular, descrever um quadrado, dividir um angulo, traçar duas linhas parallelas, construir um hexagono são problemas que resolverá por si proprio com alguma paciencia. E d'aqui conduzil-o-hão a outros mais complexos, que conseguirá sempre resolver, se lhe prestarem bastante attenção. Por certo que muitas pessoas, educadas na antiga disciplina, duvidarão da verdade d'esta asserção. Todavia nós fallamos por experiencia, e numerosos são os factos que podemos citar. Temos visto uma classe completa de creancinhas interessarem-se por tal modo com a solução de tal ou tal problema, que aguardavam a sua lição de geometria como o maior acontecimento da semana. Ultimamente, ouvimos falar d'uma escola de meninas, em que muitas educandas se occupavam voluntariamente de questões geometricas nas horas vagas das aulas; e d'uma outra escola, onde não sómente faziam o mesmo, como além d'isso, uma das meninas pedia problemas para resolver em casa durante as ferias: reproduzimos estes factos confiadamente na auctoridade do professor. Que prova da possibilidade e do valor do desenvolvimento espontaneo! Um ramo da sciencia que, ensinado como de ordinario se faz, é avido e fastidioso, torna-se assim, quando se lhe segue o methodo natural, extremamente interessante e profundamente util. Dizemos profundamente util, porque os seus effeitos não se limitam á aquisição de verdades geometricas, mas na mór parte dos casos fomentam uma revolução no espirito. Quantas vezes não deparamos

nós com creanças que os methodos usuaes escolares tornaram estupidas, por meio das suas fórmulas abstractas, os seus themas fastidiosos e repetições impertinentes—renascendo de um momento para outro, logo que deixaram de ser recipientes passivos e se tornaram, por seu turno, inventores. O desanimo inspirado a estas creanças por um máo systema de ensino, cedendo o logar a um pouco de sympathia, e a perseverança despertada, coroando o primeiro triumpho, podem operar uma completa revolução em toda a sua intelligencia. Não desconfiam de si proprias; sentem que são capazes de alguma cousa. Pouco a pouco, á medida que um successo se addiciona a outro, o peso do desalento deixa de actuar sobre ellas, e arrastom com as difficuldades, em todos os ramos do estudo, com uma energia que dá anticipadamente a certeza de que as vencerão.

Algumas semanas depois que publicamos estas observações, o professor Tyndall (1) numa conferencia feita no instituto real, sobre a *importancia do estudo da physica como ramo de educação*, apresentava um exemplo concludente do mesmo facto. O seu testemunho, baseado em observações pessoaes, é de muito peso, para que o não citeamos aqui:

« Um dos deveres que tive a preencher, diz elle, na epocha de que vos falei, foi o de reger um curso de mathematicas; e observei habitualmente que a geometria de Euclides, quando se recorre á intelligencia, constitue um estudo muito attractante para a juventude. Mas poupei sempre as creanças á rotineira do livro; e punha-lhes em jogo a sua iniciativa sobre questões suggeridas extranhamente a esta rotina. Vendo-se deslocada do caminho usual, a creança experimentava ordinariamente, ao principio, um certo desprazer, como que se sentisse desorientada; mas nem uma só vez percebi que esse sentimento durasse. Quando via um alumno completamente desanimado, repunha-o contando-lhe a anecdotia de Newton, attribuindo a differença entre elle e os outros homens unicamente á sua maior

paciencia; ou á de Mirabeau, prohibindo a um creado que dissera: tal cousa é impossivel, que nunca mais repetisse tão estúpida palavra deante d'elle.

Por esta fórma reanimado, voltou sempre sorrindo á sua tarefa, com um ar de duvida talvez mais resolvido a experimentar de novo. Vi os olhos da creança brilharem; de seguida, cheia de um orgulho que recordava o delirio de Archimedes, exclamava: « Descobri, sr.! » Era d'um immenso valor o sentimento da sua propria força nella despertado; e animado por esta fórma o meu curso realisava progressos surprehendedentes. Muitas vezes permittia aos alumnos que escolhessem os problemas enunciados no livro, ou que exercitassem as suas forças formulando outros. Nunca os vi preferir o livro. Estava sempre prompto a auxiliá-los quando julgava que o meu concurso se tornava necessario, mas de ordinario recusavam. Estas creanças haviam saboreado as doçuras das conquistas intellectuaes, e procuravam a occasião de ellas proprias ganharem victorias. Vi os seus diagrammas escriptos nas paredes e nas mesas das salas de recreio, e tive muitas outras provas do vivo interesse que tomavam pelos seus assumptos. Pela minha parte, em tudo que diz respeito á experiencia do ensino, eu era um novico e ignorava completamente as regras d'aquillo a que os allemães chamam pedagogia. Mas dedicava-me ao espirito de ensino tal como vem indicado no começo d'este discurso, e diligenciava fazer da geometria não um *ramo*, mas um meio de *educação*. A experiencia deu bom resultado; e as melhores horas da minha vida são aquellas em que vi a vigorosa e alegre expansão das forças intellectuaes, para as quaes havia appellado ».

HERBERT SPENCER.

(Continua)

(1) J. Tyndall illustre sabio inglez, nasceu na Irlanda em 1820, tornou-se conhecido por numerosas conferencias e por diversas obras scientificas d'uma leitura attrahente, as quaes popularisaram rapidamente o seu nome,

Bibliographia Brazileira

ANNO II — 30 DE SETEMBRO DE 1889 — BOLETIM XVII

AVISO. — Pedimos aos Srs. editores do Brazil que nos enviem um exemplar de suas publicações (livros, musicas, mappas, photographias, litographias, etc.), com indicação do preço da venda. Esta indicação é importante para completar a noticia das publicações.

Catalogo alphabetico das publicações brazileiras

LIVROS

224 — CARLOS COSTA. Annuario Medico Brasileiro, correspondente ao 3.º anno (1888), fundado e dirigido pelo Sr. Dr. Carlos Costa, 1 vol. de 204 pag. em-16, typographia de Lombaerts & C.ª. Rio de Janeiro.

225 — CARDOSO DA CUNHA. Ajudante juridico, contendo, em forma de abecedario, decisões dos tribunaes judiciais e do governo geral, seguidas de algumas observações, e dois provimentos geraes de correção, por José Cardoso da Cunha, juiz de direito. (?)

226 — CASTRO LOPES. Mémoire écrit en portugais et en français, dédié aux savants astronomes MM. Faye et Schiaparelli, par M. le Dr. Castro Lopes. Rio (?).

227 — CUNHA TELLES. Caras conhecidas, breves estudos biographicos. por Sr. Mathews da Cunha Telles. Rio (?)

228 — ESTATUTOS da Sociedade União republica, fundada a 30 de Setembro de 1888, 1 vol. em-8.º de 13 pag. Typographia da Livraria Universal de Echnique & Irmão, Pelotas, 1889.

229 — ESTATUTOS do Club das Damas, approvados pela assembléa geral em 31 de Setembro de 1889. Leopoldina.

230 — LACERDA. Desinfecção e prophylaxia individual contra as doenças infectuosas, trabalho approvado pela sociedade de hygiene publica americana, vertido do original inglez para o idioma vernaculo pelo Dr. J. B. de Lacerda. (?)

231 — LUIZ DE CASTILHO. Estudo da fabricação pelo processo da diffusão na Usina Duquerry em Guadelupe.

232 — SA' VALLE. Traços biographicos do Dr. A. da Silva Jardim (esboço de um livro), pelo Dr. R. de Sá Valle. Rio de Janeiro, 1889.

Noticiario

IMPOSTO NA FRANÇA SOBRE LIVROS FRANCEZES IMPRESSOS NO ESTRANGEIRO

Paris, le 22 Décembre 1889.

Monsieur Nicoláo Alves

Rua Gonçalves Dias, 48

Rio de Janeiro

Nous vous confirmons notre lettre du 18 ct.

Votre lettre du 15 novembre nous a annoncé une caisse de livres que nous est arrivée ce matin.

Les livres *français retournés* et les livres en *langue portugaise* n'ont presque rien payé à la douane. Mais, pour les 300 volumes de Mr. Freire sur la Fièvre jaune, cela a été tout différent; — comme ce sont des livres en *français* imprimés dans un pays qui n'a pas de traité de commerce ni de convention littéraire avec la France, nous avons eu à payer un droit de douane à raison de 120 francs les 100 kilogrammes! Ce qui a fait pour les 120 kilog. et les 10 % une somme de 150 f 01. — Bien heureusement il n'y avait pas d'estampe ni de gravures sur bois dans le texte; car, alors, le droit de douane eût été de 360 fr. le 100 kilog.

En définitive nous avons eu à payer pour cette caisse:

Port jusqu'à notre domicile . . .	Fr. 28.40
Droit sur le papier entrant en	
France	» 15.77
Droit de douane sur la librairie	
en langue française imprimée	
à l'étranger	» 150.00
Total	» 194.11
Plus notre commission 5 % . . .	» 9.70
Veuillez donc nous créditer de ...»	<u>203.81</u>

Nous attendons vos ordres pour savoir ce que nous devons faire de ces livres.

Agréez, Monsieur, nos cordiales salutations.

V. J. P. AILLAUD, GUILLARD & C.

LIVROS A' VENDA

NO

LIVRARIA CLASSICA

43 RUA GONÇALVES DIAS 48

Arithmetica e Systema Metrico

Arithmetica da infancia e metrologia por Monsenhor C. Couturier, 3. edição, 1 vol. cart. \$400

Elementos de arithmetica por João José Luiz Vianna, obra adoptada pelo Governo, na escola navale em outros estabelecimentos de instrucção, 3. edição correcta e melhorada, 1 vol. cart. 4\$000

Arithmetica de vóvo ou historia de dous meninos vendedores de maçãs, por João Macé, 1 vol. br. \$500

Curso de arithmetica theorica e pratica, por Antonio Zeferino Candido, 1 vol. enc. 4\$000

Arithmetica das escolas primarias organizada de accôrdo com os relativos preceitos pedagogicos, por Felisberto R. Pereira de Carvalho, 1 vol. cart. \$800

Guia Pedagogica de calculo mental e uso do contador mecanico ou *arithmometro* no ensino elementar da arithmetica, traducção e adaptação às nossas escolas pelo Dr. Alambary Luz, 1 vol. 2\$000

Arithmetica para instrucção primaria, adoptada pela inspectoría geral da instrucção publica com approvação do governo imperial, pelo conselheiro senador C. B. Ottoni, Segunda edição correcta e melhorada, 1 vol. in-12. 1\$000

Arithmetica, methodo para aprender a contar com segurança e facilidade, por Condorcet, 1 vol. cart. \$600

Arithmetica para crianças, organizada para uso das escolas primarias, por Azevedo Pinheiro, bacharel. Quinta edição correcta e melhorada, 1 vol. \$800

Explicador de Arithmetica, por Eduardo de Sá, bacharel em mathematicas e sciencias physicas e naturaes, obra apropriada aos alumnos das academias militar e de marinha, do instituto commercial, aspirantes a empregados publicos, negociantes, artistas, etc., em collaboração com seu filho o en-

genheiro Crokatt de Sá. Setima edição correcta e augmentada com muitas notas intercaladas no texto, 1 vol in-8. 3\$000

Systema metrico decimal, para uso das escolas primarias, pelo professor publico João Rodrigues da Fonseca Jordão, 1 vol. com as figuras representando os novos pesos e medidas, 1 vol. \$800

Systema metrico decimal, redigido pelo Dr. Americo Monteiro de Barros, 1 volume br. 1\$000

Rudimentos arithmeticos ou taboadas por A. M. Barker. Nova edição correcta e augmentada com uma nova explicação do systema metrico decimal, por um professor de instrucção primaria de Minas Geraes, para uso das escolas publicas, 1 vol. in-32. br. \$100

Algebra

Elementos de algebra, compilados pelo Exm. Sr. conselheiro senador C. B. Ottoni, compendio adoptado pelos estabelecimentos de instrucção superior e secundaria do imperio do Brazil. Quinta edição correcta e augmentada com notas intercaladas no texto, 1 vol. in-8. 3\$000

Algebra elementar, (lições extrahidas dos melhores autores), segunda edição correcta reorganizada e acrescentada com numerosos exercicios, 1 vol. in-8. 1\$000

Geometria e Trigonometria

Elementos de geometria e trigonometria rectilinea, compilados pelo Exm. Sr. conselheiro senador C. B. Ottoni. Sexta edição mais correcta e augmentada, e com numerosas notas e figuras intercaladas no texto e impressas em typo menor, 1 vol. in-8 5\$000

Geographia

Geographia geral, (curso) pelo bacharel Alfredo Moreira Pinto, 1 vol. cart. 3\$000

Geographia-Atlas, contendo oito mappas seguida d'um ligeiro esboço chronologico da historia do Brazil e de algumas noções de cosmographia, dedicado a infancia por monsenhor C. Couturier, segunda edição, muito melhorada, pelo bacharel Alfredo Moreira Pinto, 1 vol. obl. 1\$000

Geographia geral do Brazil, por A. W. Sellin, traduzida e consideravelmente augmentada, por J. Capistrano de Abreu, 1 vol. cart. 2\$500

Geographia da provincia do Rio Grande do Sul, adornada com mappas coloridos, por Hilario Ribeiro, 1 vol cart. 2\$000

Noções de geographia geral, pelo Dr. Moreira Pinto. segunda edição, muito melhorada, 1 vol. com illustrações. 1\$000

O Brazil em 1889—Geographia das provincias do Brazil, pelo Dr. Moreira Pinto, obra premiada pelo jury da exposição pedagogica, terceira edição, muito augmentada e ornada de gravuras. Adoptada na Escola Normal da Côrte, na Escola Normal da Provincia do Rio de Janeiro, na de S. Paulo, etc. 3\$000

Chorographia do Brazil (Rudimentos), para as escolas primarias, pelo Dr. Moreira Pinto, 1 vol. 1\$000

Elementos de geographia physica, contendo a discripção especial de cada paiz e organisados por J. C. M. Bittencourt, 1 vol. br. \$500

Conheçamos nossa patria, collecção de bellos chromos representando a carta geographica de cada provincia, pelo Dr. Menezes Vieira, 1 vol. meia cartona-gem. 1\$000

Historia

Noções de historia universal, adoptada ao ultimo programma, pelo Dr. Moreira Pinto, 2 edição, 1 vol. 3\$000

Epitome da historia do Brazil, pelo Dr. Moreira Pinto, 2 edição illustrada. 1\$000

Historia antiga do Oriente, por João Maria da Gama Berquó, 1 vol. br. 1\$500

Historia da Grecia e de Roma, por João Maria da Gama Berquó 1 vol. br. 2\$000

Historia universal (noções summarias) por João Maria da Gama Berquó. 1 vol. cart. 5\$000

Historia universal (rudimentos) traducção de D. Maria Emilia Leal, 1 vol. cart. 2\$000

Nossa Historia Patria, contendo as seguintes estampas: I Pedro Alves Cabral tomando posse do Brazil. II Anchieta, o apostolo do novo mundo. III O oceano é o unico tumulo digno de um almirante batavo. IV O bravo gamilheiro Henrique Dias. V Os bandeirantes 1707-1750. VI Execução do Tiradentes—21 de Abril de 1792. VII Independencia ou morte! pelo Dr. Menezes Vieira, 1 vol. in-folio cart. 1\$

Philosophia

Manual completo de philosophia, por E. Ponelle, 2 edição Rio 1853, 1 vol. in-8 1\$000

Francez

Novo methodo pratico e facil, para aprender-se a lingua franceza com muita rapidez, pelo Dr. F. Ahn, adaptado ao uso dos brasileiros, por F. de Oliveira, 1 vol. 1\$500

Grammatica Franceza, por Lhomond 1\$000
Fables de Lafontaine, choises et annotés, 1 vol. enc. \$500

Beautés de Chateaubriand, ou morceaux choisis des Martyrs et du Génie du Christianisme suivis des beautés du Théâtre Classique Français 3\$000

Lingua Inglesza

Novo methodo pratico e facil para aprender a lingua inglesza com muita rapidez, Dr. pelo F. Ahn, adaptado ao uso dos brasileiros, por F. de Oliveira, 1 vol, 1\$500

Adaptação do novo curso pratico, analytico, theorico da lingua inglesza de T. Robertson, ao ensino da mocidade brasileira, por Joaquim Russell, 3 tomos enc. em 1 vol. 7\$000

Grammatica pratica da lingua inglesza, obra approvada pelo conselho director de instrucção publica e adoptada no imperial collegio D. Pedro II, e nos principaes estabelecimentos litterarios do imperio, pelo Dr. F. da Motta. Setima edição, 1 vol. in-12 5\$000

Novo methodo pratico e facil, para aprender a lingua inglesza, por Graeser, segundo os principios de F. Ahn, modificado e adaptado a lingua inglesza, por Pacheco Junior, 1 vol. in-12, 3. edição cart. 1\$500

Nova grammatica theorica e pratica da lingua inglesza, segundo o methodo de Otto, por 1 vol. in-16 (em preparação) \$

Evangeline, by Longfellow, 1 volume enc. \$500

The Vicar of Wakefield, Goldsmith, 1 vol. enc. 1\$000

Lingua Italiana

Novo methodo pratico e facil, para aprender-se a lingua italiana com muita rapidez, pelo Dr. F. Ahn, adaptado ao uso dos brasileiros, por F. de Oliveira, 1 vol. 1\$500

Guia de conversação, em italiano e portuguez, por Alberto de Gervais, 1 vol. cart. 1\$000